

Resenha



RIVA, Franco (Org). *Il mito della relazione: Martin Buber, Emmanuel Lévinas, Gabriel Marcel. Con un testo di André LaCoque.* Trad. M. Pastrello; F. Stizza; C. Armeni. Roma: Castelvechi, 2016, 221p.

O sentido mítico da relação: Buber, Marcel, Lévinas

The mythical meaning of the relation: Buber, Marcel,
Lévinas

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva²⁸²

UNIOESTE - Campus de Toledo

²⁸² E-mail: cafsilva@uol.com.br.

Sob a curadoria de Franco Riva, renomado pesquisador italiano, a Castelvechi, de Roma, publiciza, em primeira mão, um notável trabalho. Trata-se de *Il mito della relazione*, uma coletânea que reúne três grandes nomes da cultura filosófica do século passado: Martin Buber, Gabriel Marcel e Emmanuel Levinas. Sob, ainda, a cuidadosa tradução de Maria Pastrello, Federico Stizza e Corrado Armeni, o livro reedita textos preciosos desse fecundo diálogo que, de passagem, impactara, indelevelmente, o debate cultural das ideias. A bem da verdade, os escritos orbitam em torno de um único campo gravitacional: a figura do pensador austríaco-israelita Martin Buber que é, aqui, homenageado. Como desde logo trataremos de examinar, esse rico material documenta não apenas intervenções ocasionais entre os pensadores em pauta, mas uma interlocução viva e amistosa dado o fato de que se conheceram pessoalmente. Essa revisitação mútua é, obviamente, entremeada de consensos e dissensos, sem, no entanto, deixar de selar um momento decisivo (anos sessenta) em que se registra um diálogo intercultural avivando, entre outros temas, a raiz hebraica do cristianismo.

Sob esse prisma, para que o leitor tenha, de antemão, uma ideia

sintética da obra, seu plano se divide em duas grandes partes. A primeira apresenta o Colóquio sobre Buber realizado em 1966 bem como o diálogo travado entre os três filósofos. A segunda focaliza mais diretamente a problemática do “mito da relação” e o debate acerca da responsabilidade frente ao Outro sob a fina análise de Franco Riva. Acompanhemos, mais de perto, cada um desses passos.

A primeira parte, *Buber, Marcel, Lévinas, testi e intrecci*, é aberta com um pequeno texto introdutório de André LaCocque. Na sequência, o leitor tem, em primeira mão, o colóquio propriamente dito *Martin Buber, L'uomo e il filosofo*. Como fica patente, a figura de Buber protagoniza o cenário dessa composição inicial da obra tendo como interlocutores privilegiados Gabriel Marcel, Lévinas e LaCocque que tomam parte no célebre Simpósio realizado em 22 de fevereiro de 1966 pelo Institut de Sociologie de l'Université Libre de Bruxelles, promovido, portanto, pelo Centre National de Hautes Etudes Juives. É desse evento que resulta o pequeno livro *Martin Buber, l'homme et le philosophe* editado, em 1968, pelas mesmas entidades promotoras e, que, agora, recebe uma primorosa versão italiana. Ao prestar essa homenagem pública à memória de

Buber, logo após um ano de sua morte, cada um de seus interlocutores perspectivam, num raro registro, a personalidade não só filosófica, mas cultural do pensador judeu.

É assim que em “A antropologia filosófica de Martin Buber”, Gabriel Marcel não esconde sua admiração profunda para com o homenageado, por ocasião de um breve encontro, na capital francesa, em 1950. Um espiritual parentesco entre ambos se revela, de imediato: a interrogação sobre a vida. Trata-se de uma reflexão “fundada sobre a experiência” (*Il mito della relazione*, p. 26); “a experiência humana em sua integridade” (p. 38). É a partir desse pano de fundo que uma questão cara a Buber se impõe, decididamente: a relação com o Outro. Sobre isso, Marcel reconhece que a antropologia buberiana não perde de vista a situação humana. Aliás, fora esse tema matricial que, na *Krisis*, Husserl diagnostica ao exigir, pois, uma nova tomada de consciência. A noção autêntica de intersubjetividade – avalia Marcel – só se torna possível por meio dessa singular tarefa como consciência renovada de nosso tempo, já que parece “claro que esse modo de apreender o próximo é completamente diferente da consciência analítica e redutiva sobre a qual se apoia, em geral, a epistemologia” (p. 36). Não obstante o reconhecimento desse tema como análise capital na obra

de Buber, Marcel não poupa algumas críticas. Uma delas, ao menos, merece destaque: “o uso do termo relação (*Beziehung*) parece de uma generalidade excessiva” (p. 39). Marcel se reporta, aqui, a certo “objetivismo” um tanto enrustido que a noção de relação por vezes enuncia, mesmo que a contragosto. A categoria se mostra inapropriada quando se trata de explorar o aspecto dinâmico e, portanto, mais profundo da experiência intersubjetiva: aquela do verdadeiro Nós que, como escreve Buber, não se reduz ao coletivo, a um grupo ou partido específico.

Em “O pensamento de Martin Buber e o judaísmo contemporâneo”, Lévinas traz, à cena, o tema da cultura hebraica, também retratado por Buber. O pensamento judeu torna-se, nessa medida, realmente notável por ensaiar mais “um diálogo com o outro que consigo” (p. 50). É, por excelência, essa temática que encontramos nos escritos buberianos sob a forma de uma resposta à crise mesma do Ocidente. Assim, se é verdade que “a revelação da espiritualidade judia no Ocidente bem como aos próprios judeus iniciou-se pelos estudos de Buber” (p. 52) chamando a atenção sobre o hassidismo ou judaísmo vivo, é porque há uma experiência vivida que precede os textos doutrinários. Ademais, o gênio poético de Buber irrompe num momento em que

implode todo conteúdo formal do judaísmo tradicional ao acentuar o instante. Isso ocorre porque há um traço fortemente existencial (ista) nessa investida: “para Buber” – nota Levinas – “a vida não é pré-determinada” (p. 55); por isso, a “resistência do judaísmo a toda apoteose do homem” (p. 56). Nessa perspectiva, se, para Marcel, o termo “relação” é problemático em Buber, aos olhos de Levinas, o conceito mesmo de “Deus” é carregado, textualmente, de imprecisões ou ambiguidades. De todo modo, o que não se pode desconsiderar é que há um contato com o divino que se torna uma tônica recorrente no discurso buberiano. É fato que Buber lê a Escritura de um novo modo, recriando outra atmosfera ou dimensão. Ele reconstrói outra sintaxe profunda, seja aquém da tradição rabínica, seja da própria tradição metafísica ocidental. Isso fica evidente, observa Levinas, via o deslocamento buberiano do tema do ser: “Buber afirmou, o que é o fundo de sua filosofia do Outro, que a presença de um interlocutor ao Eu não se reduz à presença de um objeto que meu olhar determina e sobre o qual ele enuncia juízos predicativos [...]. Sabe-se que essa relação de presença, irredutível à relação sujeito-objeto, Buber chama-a ‘Encontro’ ou relação Eu-Tu” (p. 60).

LaCocque, conhecido teólogo reformado, sublinha, por sua vez, um terceiro debate em “Martin Buber: do indivíduo à pessoa”. O que, na verdade, o interlocutor põe, em pauta, é a proclamação kierkegaardiana do indivíduo e a posição buberiana da pessoa. Ou seja, LaCocque parte de Kierkegaard para chegar a Buber sem desprender de certo alinhamento existencial de base. Cabe recordar que, para o filósofo dinamarquês, “a verdade é uma via, um devir. A existência é um engajamento, um ‘salto no vazio’, uma responsabilidade, uma resposta” (p. 67), comenta o biblista protestante. Mais: “Kierkegaard ignora o mundo objetivo, obstáculo ao subjetivismo indispensável do homem crente” (p. 68). Ora, é para além dessa posição que se pode situar Buber, avista LaCocque. Não resta outra tarefa senão a de corrigir, por assim dizer, o individualismo protestante do mártir de Copenhague, ao mostrar que, com o Hassidismo, o pensador judeu convoca o homem a se tornar “pessoa autêntica e sincera” (p. 71) a fim de transformar o mundo. É que a pessoa, uma vez reduzida à medida de uma fracção, se despersonaliza, isto é, se torna um indivíduo que se massifica.

Por fim, fechando a PARTE I da obra em curso, são retomados, no período anterior a esse

Colóquio, alguns textos que primam pelo seu valor heurístico e elucidativo. Trata-se, inicialmente, das *Répliques* de Buber dirigidas a Marcel e a Levinas, em 1963. Em suma, Buber reconhece, por um lado, o limite semântico de certas noções, mas sem deixar de atentar para o significado mais profundo por elas visado. No caso, p. ex., do termo “relação” como “palavra princípio”, o que está em jogo é uma “certa unidade sentida” (p. 78), originária, replica ele. Afora isso, a edição italiana recupera o registro de algumas breves correspondências entre Levinas e Buber, datadas entre 1963 e 1964, que intentam esclarecer posições filosóficas pontuais, a propósito das objeções levantadas no Colóquio.

O segundo momento do livro é mais que um complemento teórico. No fundo, ele toma corpo em grande parte das disputas ali em concurso, sob um olhar mais livre e, portanto, mais contemporizado. Trata-se do oportuno estudo de Franco Riva, *Il mito della relazione: Buber, Marcel, Lévinas, Derrida*. O que Riva expõe, de maneira fina e acurada, nessa PARTE II do livro é o movimento de triangulação entre Buber, Marcel e Levinas à luz de textos que até mesmo Derrida não chegara frequentar, dado o caráter inédito das publicações. Sendo assim, a riqueza de todo esse material aqui coletado e, especialmente, comentado é de um preciosismo *sui*

generis. Destaquemos, a título ilustrativo, alguns desses breves apontamentos inscritos por Riva.

Já na *Introdução*, muitas das críticas de Marcel e Levinas são retomadas por Riva ao reconhecer que “a relação é posta em direção pela sua generalidade e seu anonimato não servindo, pois, para especificar o sentido precisamente humano” (p. 99), e, em função disso, tornando-se “uma espécie de voto retórico” (p. 100). É dessa forma que o termo relação assume um caráter mítico: “O mito da relação implode, para todos e para sempre, o interior da filosofia do diálogo” (p. 101). Noutras palavras, um etéreo e angélico formalismo dialógico aí se instala na relação com o outro. O risco iminente nessa estratégia discursiva é o que fora apontado atrás: a reificação do Tu oriunda de um espiritualismo vago a ponto de “não dizer, de modo convincente, a qualidade humana da relação, da responsabilidade pelo outro” (p. 117). Ora, isso mais dá vazão a um “monólogo mascarado de diálogo” (p. 124), deflagra Riva. Disso resulta a feição mítica que o discurso de *Eu e Tu* parece se revestir. Esse é o tom que assume a interpretação crítica aqui orquestrada por Riva. O que o intérprete italiano examina é que esse mito angélico destitui a densidade ou concretude da experiência humana, razão pela qual Buber não rompe completamente com o apriorismo

da ontologia, como julgara Levinas. É que, “Levinas acusa Buber de ter instituído a reciprocidade, a simetria e a mutualidade como regra férrea das relações humanas, perdendo de vista a situação oblíqua, desigual e diferente da existência” (p. 174). Ora, vimos, é verdade, que Buber replica tal censura, ao ajuizar que a reciprocidade não entra num esquema puramente superficial, simétrico, uma vez que “uma relação recíproca não equivale a uma totalidade” (p. 173). Aos seus olhos, “a relação com o outro é coisa bem diversa do contexto vazio, da amizade espiritual” (p. 180). Nada infere, daqui, a ideia de um encontro fortuito ou de uma amizade formal e rarefeita.

Pois bem, qual a diferença de fundo entre Levinas e Buber? Riva anota que, para Levinas, não é possível preservar “a especificidade do Eu-Tu sem reivindicar o sentido estritamente ético da responsabilidade” (p. 182). Dizendo mais claramente: “ético” e não “ontológico”! É tendo a crítica à ontologia em todas as suas formas (inclusive, a de Heidegger) que Levinas situa sua divergência de fundo para com Buber e, sobre esse plano, também para com Marcel. A fundação ética como crítica à reciprocidade presume que a “responsabilidade pelo outro só se dá na sua originária diferença” (p.

184). Esse decisivo ponto de inflexão entre Levinas e Buber põe em questão, conforme corrobora Riva, a “densidade carnal, existencial do encontro com o outro” (p. 182); densidade que aviva como uma dobra fundamental conferida por Levinas “à fenomenologia do corpo não somente como condição humana, como existência, mas ainda como condição de possibilidade de uma aproximação ao outro, na sua pobreza, na sua indigência, na sua alteza. Indigência e alteza que se inscrevem, todavia, no corpo próprio” (p. 192).

Há aí, sem dúvida, um eco de Merleau-Ponty, só que, diversamente de Levinas, mais adstrito à ontologia que à ética, propriamente! De toda forma, se Levinas quer pensar alguém de uma “sociabilidade etérea dos anjos”, não é só o princípio da relação que carece ser implodido, mas também o de uma fenomenologia intencional: para ele, “a relação ética com outro homem, a proximidade, a responsabilidade pelo outro não torna uma pura e simples modulação da intencionalidade” (p. 201).

Como apreciação final, ao triangular um debate ora amistoso ora intempestivo entre Buber, Marcel e Levinas, Franco Riva revisita, em boa versão italiana, um capítulo memorável da cultura e do

pensamento contemporâneo. Que essas rápidas paragens aqui demarcadas incite o leitor a percorrer, mais pacientemente, a verve inspiradora dessa promissora iniciativa editorial.

Submetido: 19 de julho 2017

Aceito: 25 de julho 2017